

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**STAND-UP DO ÓDIO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA DO HUMOR DE LÉO LINS NO
YOUTUBE¹**

Lara Jayanne de Souza Nogueira²
Vicente de Lima Neto

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar como o discurso de ódio se manifesta nas piadas do humorista Léo Lins, com foco nas apresentações em *stand-up*, amplamente divulgados na plataforma digital YouTube, considerando as ideologias manifestadas nesses enunciados. Para isso, recorreremos à Análise do Discurso Crítica (ADC), especialmente a autores como Fairclough (2001) e Thompson (2011), os quais tratam da noção de ideologia como um conjunto de significados que atuam na manutenção de relações de dominação e poder. Além disso, buscamos os trabalhos de Resende e Ramalho (2006), Cavalcante (2021), Rothenburg e Stroppa (2015), entre outros. Metodologicamente, analisamos piadas presentes em três vídeos do humorista, com os seguintes critérios: falas que tratam de temas delicados, como gordofobia e capacitismo, e transcrevemos os trechos. Os resultados destacam que, embora o humor seja frequentemente associado à leveza e ao entretenimento, ele também pode funcionar como um potente instrumento de propagação de ideologias discriminatórias, principalmente, quando o orador utiliza estratégias de discursivas como forma de naturalizar os dizeres ou mesmo evidenciar apenas aspectos positivos de um grupo. Por fim, compreendemos que as piadas analisadas, ao recorrerem a concepções já cristalizadas pelo senso comum da sociedade, por sua vez, materializadas em construções linguísticas que desumanizam determinados sujeitos, ultrapassam o campo do entretenimento e atuam como mecanismos de legitimação simbólica de desigualdades sociais.

Palavras-chave: Léo Lins; humor; discurso de ódio.

ABSTRACT

This study aims to analyze how hate speech is manifested in the jokes of comedian Léo Lins, focusing on his stand-up performances widely disseminated on the digital platform YouTube, taking into account the ideologies expressed in these utterances. To this end, we draw on Critical Discourse Analysis (CDA), especially the works of Fairclough (2001) and Thompson (2011), who address the notion of ideology as a set of meanings that contribute to maintaining relations of domination and power. In addition, we reference the works of Resende and Ramalho (2006), Cavalcanti (2021), Rothenburg and Stroppa (2015), among others. The results highlight that, although humor is often associated with lightness and entertainment, it can also function as a powerful tool for spreading discriminatory ideologies, particularly when the speaker employs discursive strategies to naturalize their statements or emphasize only positive aspects of a group. Finally, we understand that the jokes analyzed, by drawing on socially accepted common-sense conceptions, materialized through linguistic constructions that dehumanize certain individuals, go beyond

¹ Trabalho orientado pelo Prof. Vicente de Lima-Neto, da UFERSA/ Caraúbas. E-mail: vicente.neto@ufersa.edu.br

² Graduanda em Letras/ Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido, campus Caraúbas. E-mail: lara.nogueira@alunos.ufersa.edu.br

mere entertainment and act as symbolic mechanisms for legitimizing social inequalities.

Key words: Léo Lins; humor; hate speech.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a forma como o discurso circula na sociedade tem se transformado significativamente, impulsionada pelo crescimento de plataformas digitais como Instagram, TikTok e YouTube, entre outras. Nessas mídias, os sujeitos não apenas compartilham aspectos de sua vida cotidiana, mas também utilizam esses espaços para divulgar seus trabalhos, construir autoridade simbólica e interagir com públicos diversos, e essa questão fica evidente quando observamos o sucesso de humoristas, como Thiago Ventura e Bruna Louise, cujos vídeos de *stand-up* acumulam milhares de visualizações nessas plataformas. Nesse cenário, entre os conteúdos que se popularizam, destacamos os vídeos de *stand-up*, os quais possuem uma ampla audiência e geram milhares de reações e compartilhamentos, a nosso ver, pelo fato de provocarem nos sujeitos sentimentos relacionados à alegria, à felicidade, entre outros.

No entanto, em alguns casos, o humor nem sempre é inofensivo, haja vista que, também, pode viabilizar um mecanismo de reprodução e a circulação de discursos ofensivos. Isso pode ser evidenciado em piadas relacionadas à aparência quanto o intelecto das pessoas, como é o caso de enunciados que satirizam as loiras, afirmando que essas são menos inteligentes, um discurso bem recorrente no meio social, como argumenta Franchi (2009). De acordo com a autora, essas piadas são construídas com base na ironia, no exagero e na recorrência de estereótipos sociais, que tendem a disfarçar ofensas por meio do entretenimento. Compreendemos, pois, que esse disfarce contribui para a naturalização de preconceitos dirigidos aos grupos minorizados, como mulheres, corpos gordos, indivíduos LGBTQIAPN+, entre outros. Isso colabora para perpetuar o ódio em forma de riso tornando mais difícil a identificação dos danos causados por essas piadas.

Mediante a isso, optamos por analisar o humorista Léo Lins por ser uma figura amplamente conhecida no cenário nacional, com grande presença nas redes sociais e em plataformas como YouTube e Instagram, onde seus vídeos alcançam milhões de visualizações. Essa delimitação justifica-se não apenas por essa visibilidade, mas também pela polêmica gerada em torno de seus

conteúdos, que frequentemente envolvem temas sensíveis tratados de forma ofensiva.

Cabe destacar que, em 2025, o humorista foi condenado a oito anos e três meses de prisão³, em regime inicialmente fechado, acusado de disseminar discursos preconceituosos contra minorias em seu espetáculo intitulado 'Perturbador'. O caso teve grande repercussão e reacendeu discussões sobre os limites entre humor e discurso de ódio, algo que instiga nossa investigação em torno dessa temática, já que acreditamos que esse seja um exemplo relevante para pensarmos como o riso pode ser usado como instrumento de reforço a preconceitos já existentes na sociedade. Logo, nossa pesquisa visa colaborar com a compreensão crítica dos mecanismos discursivos que legitimam práticas discriminatórias e como esses podem diminuir grupos sociais.

A escolha pelo YouTube se justifica por ser uma das principais plataformas utilizadas pelo humorista para divulgar seus conteúdos, além de representar um espaço relevante para a circulação de discursos no ambiente digital. Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sugere o trabalho com textos provenientes da *internet* por considerar que esses gêneros digitais podem despertar maior interesse dos jovens, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais significativo (Brasil, 2018), o que nos leva a entender que essa pesquisa poderá contribuir, também, para a educação básica.

Ademais, entendemos que temáticas como essa são imprescindíveis não apenas para compreender tais enunciados, mas principalmente para refletir criticamente sobre os efeitos de sentido que eles produzem na sociedade, uma vez que as ideologias perpassam essas construções como forma de naturalizar preconceitos de gênero, inteligência e aparência, como argumenta Fairclough (2001). Segundo o autor, o discurso é uma prática social que contribui para a reprodução de relações de poder e desigualdade. Desse modo, trabalhar com essas práticas discursivas possibilita a formação de sujeitos mais críticos, capazes de reconhecer como o sentido é concebido e como podemos resistir a naturalizações que legitimam o preconceito, com vistas a romper barreiras sociais que tendem a separar as pessoas

³ Disponível em: G1. Léo Lins é condenado a oito anos de prisão por publicar conteúdo preconceituoso e discriminatório contra minorias. G1, São Paulo, 03 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/03/leo-lins-e-condenado-a-oito-anos-de-prisao-por-publicar-conteudo-preconceituoso-e-discriminatorio-contr-minorias.ghtml>. Acesso em: 21 jul. 2025.

No âmbito da linguagem, nossa investigação pode contribuir para a ciência ao aprofundar o entendimento sobre como os discursos constroem sentidos, reforçam relações de poder e naturalizam desigualdades. Inserida na Análise do Discurso Crítica (Fairclough, 2001; Resenha; Ramalho, 2006), a pesquisa oferece subsídios teóricos e analíticos que fortalecem a reflexão ética e crítica sobre o papel da linguagem na sociedade.

Nesse contexto, como questão de pesquisa, de modo geral, perguntamos: como o discurso de ódio se manifesta nas piadas do humorista Léo Lins, com foco em seus shows de *stand-up* divulgados no Youtube? Por essa razão, nosso objetivo geral consiste em analisar como o discurso de ódio se manifesta nas piadas do humorista Léo Lins, com foco em seus shows de *stand-up* divulgados na plataforma digital YouTube, considerando as estratégias de ideologia defendidas por Thompson (2011). Nesse sentido, elaboramos como hipótese a ideia de que vocabulário pejorativo e recursos multimodais, como entonação e linguagem corporal, são utilizados para propagar discursos opressivos, muitas vezes validados por parte da audiência.

Para isso, recorreremos teoricamente à Análise do Discurso Crítica, especialmente aos estudos de Fairclough (2001) e Thompson (2011), cujas contribuições nos permitem compreender como a linguagem está intrinsecamente relacionada a práticas sociais, ideológicas e de poder. Além disso, apoiamo-nos nas reflexões de Resende e Ramalho (2006) e Cavalcanti (2021) para sustentar a leitura crítica dos discursos de ódio no campo humorístico, considerando que, no interior das práticas discursivas, o riso pode funcionar como um dispositivo que legitima violências simbólicas contra sujeitos historicamente marginalizados.

1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

Nesta seção, apresentamos os fundamentos teóricos que embasam ADC, especialmente sua relação com linguagem, poder e mudança social. Recorreremos, ainda, às concepções de ideologia, sobretudo a ideologia crítica, que ajuda a revelar como discursos legitimam desigualdades e naturalizam a

exclusão de grupos marginalizados. Além disso, a seção aborda o discurso de ódio como uma prática discursiva que promove a intolerância e justifica a marginalização de grupos vulneráveis, muitas vezes disfarçado em formas aparentemente inofensivas, como o humor. Por fim, discutimos o humor, em especial o *stand-up comedy*, como um gênero discursivo que, apesar de seu caráter lúdico, pode reforçar estereótipos e naturalizar preconceitos presentes no senso comum, tornando-se um meio poderoso para a propagação de ideologias dominantes. Assim sendo, a seguir passamos para o subitem que trata dos preceitos da ADC.



2.1 Análise do Discurso Crítica, Linguagem e Mudança Social

A ADC é um campo das ciências da linguagem que se dedica ao estudo das relações entre linguagem, poder e sociedade. Essa linha de estudo, pois, objetiva investigar o discurso, em suas diversas formas, não é apenas um reflexo da realidade, mas um instrumento ativo na construção e manutenção das relações de poder (Fairclough, 2001). Para os estudiosos dessa vertente, o discurso é visto como uma prática social, capaz de produzir significados, perpetuar ideologias e legitimar desigualdades.

A investigação crítica do discurso, então, busca examinar de que forma os mecanismos linguísticos e ideológicos que sustentam as estruturas sociais como ferramenta de dominação, com vista a revelar de que maneira as práticas discursivas são moldadas pelas relações de poder e, ao mesmo tempo, como essas podem reforçar ou subverter tais situações, conforme descrevem Resende e Ramalho (2006). Nesse contexto, a linguagem é entendida como uma prática social, ou seja, não é apenas um meio de comunicação neutro, mas uma forma de ação que participa ativamente na construção das relações sociais, culturais e políticas.

A compreensão da linguagem como prática social é fundamental para nossa pesquisa, visto que indica a dialética entre o discurso e a sociedade. Assim, permitindo analisar como os discursos de ódio em shows de *stand-up*, não somente reflete as estruturas sociais que estão inseridas, mas também um papel crucial na perpetuação dessas estruturas. Assim, a pesquisa explora a conexão

entre, linguagem, estrutura social, prática social e os discursos que atravessam essas piadas. Assim, afirma Resende e Ramalho (2006),

Entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. Nisso consiste a dialética entre discurso e sociedade: o discurso é moldado pela estrutura social, Ciência social crítica mas é também constitutivo da estrutura social (Resende e Ramalho, 2006, p. 26).

Em outras palavras, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas uma forma de ação em contextos sociais. Ou seja, o modo que utilizamos a linguagem está diretamente ligada às crenças e aos valores do meio em que estamos inseridos, além disso, o uso da linguagem também contribui para construir quem somos, nossas relações sociais e como entendemos o mundo e, conseqüentemente, revela e reforça ideologias presentes na sociedade. Assim, a linguagem não é neutra, mas é uma ferramenta que carrega posicionamentos, reproduz estruturas de poder e influencia a forma como pensamos e agimos no mundo, como aponta Fairclough (2001).

No tocante a essa questão, a seguir discutiremos de forma mais aprofundada sobre a noção de ideologia, visando esclarecer sua relevância não apenas para esse trabalho, mas para a constituição do discurso.

2.2 Ideologia e discurso de ódio

A ideologia consiste em um conjunto de representações carregadas de significados relacionados à realidade social, tais como ideias, valores, crenças, que estão institucionalizados socialmente por meio da linguagem, a qual contribui para a manutenção ou transformação das relações de poder na sociedade, conforme Fairclough (2001). Segundo o autor, as ideologias possuem as mais variadas formas enunciativas e tornam-se evidentes quando são vistas como parte do "senso comum". Isto é, quando determinadas ideias ou formas de ver o mundo são amplamente aceitas e naturalizadas pelas pessoas, sem que sejam questionadas ou percebidas como construções sociais e históricas.

Porém, o estudioso propõe que as ideologias não são imutáveis, uma vez que os grupos estão em uma luta constante para alterar essas ideias e o discurso

que as sustenta, especialmente quando as relações de poder estão sendo modificadas. Fairclough (2001), destaca que

As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de 'senso comum'; mas essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser muito enfatizada, porque minha referência a 'transformação' aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação (Fairclough, 2001, p. 117).

Ou seja, as ideologias, quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de senso comum, nesse caso, passam a ser vistas como verdades universais, indivisíveis e indiscutíveis, por vezes, materializadas em estereótipos sociais. No entanto, conforme salienta o pesquisador, essas ideologias não são imutáveis, pois há uma luta constante para transformar essas ideias e os discursos que as sustentam, especialmente em contextos de reestruturação ou transformação das relações de poder.

Segundo Thompson (2011), existem dois tipos de ideologia: a neutra, consiste em um conjunto de crenças, valores e ideias que orientam a ação social e política dos indivíduos e grupos, sem necessariamente envolver manipulação ou dominação; e, a crítica, que corresponde a discursos capazes de mascarar ou legitimar relações de poder desiguais, servindo para manter a dominação de certos grupos sobre outros. Para este trabalho, utilizaremos a concepção de ideologia crítica proposta por Thompson (2011), como base para a nossa análise, uma vez que nossa finalidade é a investigação do discurso de ódio em grupos marginalizados socialmente.

Segundo Thompson (2011), a ideologia se manifesta nos meios sociais por meio de cinco estratégias a serviço da dominação: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. A legitimação ocorre quando ideias ou práticas de dominação são justificadas por discursos que aparentam ser justos e racionais, sustentando o poder por meio de três subestratégias: a racionalização (fundamentação legal ou técnica das ações); a universalização (interesses particulares são apresentados como se fossem de todos); e a narrativização (histórias passadas para justificar ações presentes). Isso pode ser observado, por exemplo, quando um governo justifica cortes em programas sociais com base na

‘responsabilidade fiscal’, em utiliza-se da racionalização para legitimar uma medida que pode acarretar em desigualdades sociais.

A dissimulação, por sua vez, é uma estratégia que atua pela ocultação da relação de dominação, seja pela negação, por meio da recontextualização de termos ou mesmo pela ofuscação, na qual apenas os aspectos positivos de uma situação são destacados, ocultando os negativos. Além disso, também pode ocorrer por meio do tropo, ou seja, o uso de figuras de linguagem que suavizam ou disfarçam práticas de dominação, como o uso de expressões como “readequação de pessoal” no lugar de “demissão em massa”, como argumenta Thompson (2011).

Ademais, o autor destaca a unificação como uma estratégia que visa consolidar o poder por meio da construção simbólica de uma identidade coletiva, promovendo a padronização de referências culturais e sociais. Esse processo está relacionado ao que Resende e Ramalho (2016, p. 51) denominam “identificação coletiva”, um exemplo disso seria, o uso de símbolos nacionais como a bandeira, o hino ou slogans patrióticos em campanhas políticas utilizadas pelo ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro no ano de 2018 e 2022, em sua campanha para o cargo eletivo.

Em contrapartida, a fragmentação busca enfraquecer ou dividir grupos e indivíduos que representam uma ameaça à manutenção do poder. Essa fragmentação ocorre por meio da diferenciação, que impede a formação de objetivos comuns entre os grupos, e do expurgo, que representa certos grupos como inimigos ou perigosos para a ordem vigente. Conseguimos constatar essa percepção quando discursos preconceituosos associam imigrantes ou minorias étnicas ao aumento da criminalidade ou à perda de empregos, promovendo uma imagem negativa desses grupos e promovendo a divisão social.

Por fim, a reificação consiste em apresentar como permanentes ou naturais certas realidades que, na verdade, são transitórias e historicamente construídas. Essa estratégia se manifesta por meio da naturalização, quando símbolos ou práticas sociais são tratados como naturais; da eternalização, ao considerar certos fenômenos como se fossem eternos; e também por meio da nominalização e da passivação, processos que transformam ações em entidades abstratas, apagando os sujeitos e as relações de poder envolvidas, como apontam Resende e Ramalho (2016, p. 52). Um exemplo desse processo ocorre quando identificamos discursos gordofóbicos, em afirmações como ‘pessoas gordas não conseguem não tem

disciplina, uma vez que não cuidam de si mesmas'. Essa ideia naturaliza um senso comum negativo, institucionalizado como uma verdade imutável socialmente, reforçando a discriminação e o preconceito contra corpos gordos.

Esse cenário, a nosso ver, manifesta-se nas práticas discursivas, que buscam moldar as ideologias e as práticas sociais estabelecidas, perspectiva essa defendida por Fairclough (2001). Assim, o discurso não apenas reflete as ideologias dominantes, mas também é um meio pelo qual essas ideologias podem ser contestadas e modificadas, permitindo a transformação das relações de poder na sociedade, noção essa que pretendemos destacar neste trabalho. Com base nessas questões, destacam-se as ideologias dominantes no Brasil, que estruturam práticas sociais de ódio comuns contra grupos minorizados, como pessoas negras, mulheres, LGBTQIA+, corpos gordos e pessoas com deficiência, grupos esses retratados em nosso escopo analítico, por meio do discurso do ódio.

O discurso de ódio, por sua vez, propaga a intolerância com base em preconceitos e exclusão de determinada classe, conforme discute Rothenburg, (2015), ao atuar como uma prática discursiva que busca naturalizar a inferiorização de grupos socialmente vulneráveis. A nosso ver, tal discurso ultrapassa o nível da opinião e se inscreve em estruturas ideológicas que justificam a negação de direitos e a marginalização simbólica e material desses sujeitos, contribuindo para a manutenção de desigualdades históricas, uma ideia já defendida por . O humor, por exemplo, é disfarçado por discursos odiosos que atravessam os limites éticos, parecem ser inofensivos, mas de certa forma, normalizam esses discursos.

De acordo com Rothenburg e Stroppa (2015),

[...] O discurso do ódio consiste na divulgação de mensagens que difundem e estimulam o ódio racial, a xenofobia, a homofobia e outras formas de ódio baseadas na intolerância e que confrontam os limites éticos de convivência com o objetivo de justificar a privação de direitos. (Rothenburg e Stroppa, 2015, p. 26 e 27)

Ou seja, esse tipo de enunciado consiste em uma manifestação discursiva que, por meio da linguagem, busca inferiorizar, excluir ou silenciar determinados grupos sociais, sustentando-se em preconceitos historicamente construídos. Essas mensagens ultrapassam o campo das opiniões pessoais e passam a funcionar como práticas de poder que, ao serem naturalizadas no cotidiano, legitimam a negação de direitos fundamentais, como a liberdade, a igualdade e a dignidade

humana. O discurso de ódio, portanto, não se resume a ataques individuais, mas opera dentro de um sistema ideológico que reforça desigualdades estruturais e ameaça os princípios básicos da convivência democrática. Esse discurso opera pelas mais variadas situações: no trabalho, em casa, na rua, no entretenimento, dentre eles nos programas televisivos, no teatro, no cinema, entre outros. Ajustamos a lupa agora para o humor, será profícua ao longo das décadas para propagação de ideologias que tem como foco o discurso de ódio.

Desse modo, compreendemos que as ideologias atuam como estruturas que moldam as práticas discursivas, naturalizando relações de poder e legitimando a exclusão de grupos socialmente vulneráveis, como defendido por Fairclough (2001). O discurso, assim, não apenas reflete essas ideologias, mas também é um campo de disputa e transformação. Nesse cenário, observamos que, muitas vezes, o discurso de ódio surge frequentemente disfarçado no humor, especialmente em contextos como o *stand-up comedy*, cujas piadas e brincadeiras podem camuflar preconceitos e intolerâncias, tornando-os mais aceitos socialmente. Por essa razão, no próximo tópico, discutiremos sobre o humor, enquanto gênero discursivo, e como esse atua como um meio para a propagação e naturalizado de ideologias dominantes.

2.3 Humor, Senso Comum e Gênero Discursivo no Contexto do *Stand-up Comedy*

O humor é um fenômeno complexo e multifacetado, presente nas mais diversas esferas sociais e nos mais variados gêneros discursivos, mais do que um simples instrumento de entretenimento, o humor envolve aspectos linguísticos, cognitivos, culturais e ideológicos, conforme discute Cavalcanti (2021). De acordo com o autor, isso ocorre pelo fato de que, o discurso humorístico se manifesta por meio de jogos de linguagem, construções narrativas, estereótipos sociais e expectativas compartilhadas. Isso pode ser melhor observado, por exemplo, na piada (dito) popular “Mulher no volante, perigo constante”. O efeito de humor aqui se constrói a partir de um conhecimento socialmente partilhado, ainda que equivocado, de que mulheres seriam motoristas ruins, um senso comum criado pelo sistema do patriarcado, o qual acredita que mulheres existem apenas para casar, criar os filhos e cuidar da família.

O senso comum, segundo Fairclough (2001), funciona como um mecanismo ideológico que naturaliza e legitima as relações de poder existentes, tornando-as invisíveis e incontestáveis. Assim, compreendemos que, no caso da piada sobre mulheres ao volante, o senso comum patriarcal contribui para a construção de um estereótipo que associa as mulheres à incompetência no exercício de atividades tidas como "masculinas", como a direção de automóveis. Essas crenças são internalizadas socialmente e reproduzidas através do discurso humorístico, que, ao disfarçar essas ideias preconceituosas sob a forma de piadas, reforça o status quo, perpetuando visões distorcidas sobre o papel das mulheres na sociedade.

A piada, como demonstrado anteriormente, ativa um senso comum já circulante no imaginário coletivo, e por isso provoca o riso em determinados contextos e saberes compartilhados entre quem fala e quem ouve, mesmo quando esses saberes reproduzem visões preconceituosas e excludentes. Desse modo, podemos compreender que o humor mobiliza conhecimentos prévios e crenças dos interlocutores, podendo provocar desde o riso leve até reações críticas e incômodas, como aponta Cavalcanti (2021). Por isso, compreendemos que o humor exige considerar o texto, os sujeitos envolvidos e o contexto em que ele circula, uma vez que seu efeito de sentido não é fixo, mas negociado na interação que, a nosso ver, o caracteriza como gênero discursivo.

Conforme a perspectiva dialógica de Bakhtin (2011), os gêneros discursivos são formas relativamente estáveis de enunciados socialmente constituídos, que emergem na interação social e carregam intencionalidades comunicativas específicas, o sentido de qualquer enunciado depende da resposta antecipada do interlocutor e do contexto em que ocorre a comunicação, o que dialoga diretamente com a natureza dinâmica e interativa do humor.

Ademais, Cavalcanti (2021) destaca que, a partir das contribuições da teoria semântica do humor de Raskin (1985), as piadas passaram a ser frequentemente observadas como enunciados que operam por meio da oposição entre *scripts* ou seja, estruturas cognitivas relacionadas a experiências sociais, o que promove uma quebra de expectativa e, muitas vezes, o riso. No entanto, como defende o pesquisador, o humor não deve ser explicado apenas por sua estrutura textual, mas por sua recepção: o que é considerado engraçado por uns pode ser ofensivo para outros, pois o riso depende das interações entre texto, leitor e contexto. Cavalcanti (2021) amplia essa visão ao considerar o humor como um efeito que

emerge da leitura como evento complexo, ou seja, da relação viva entre sujeitos, linguagem e mundo.

É nesse cenário que se insere o *stand-up* comedy, gênero humorístico marcado pela performance direta entre humorista e público, frequentemente carregado de discursos provocativos, além disso, o *stand-up* recorre a elementos multimodais como gestos, entonação, expressões faciais, pausas e elementos visuais, que atuam de maneira integrada na produção de sentido. O humor, nesse caso, é caracterizado por sua proximidade do humorista com o público, utilizando piadas, muitas vezes carregadas de discursos ofensivos e odiosos, podendo ter um impacto significativo, tratando temas delicados como uma forma de entretenimento. Como Freitas (2016, p. 170) considera, “uma piada é tecida com base em discursos anteriores que lhes dão sustentação ideológica e que, ao mesmo tempo, tecem outras associações”. Isto é, a piada não surge do nada, ela é construída a partir de ideias e discursos existentes na sociedade, ou seja, aquilo que ouvimos, vivemos e aprendemos no cotidiano.

Nesse contexto, entendemos que, quando um comediante faz piadas com minorias, ele está se apoiando em discursos que as pessoas já conhecem e reforçam esse dizer, mesmo que de forma inconsciente, dessa forma, essas piadas não apenas refletem essas ideias, mas também ajudam a propagá-las ainda mais. No *stand-up*, é notório que o humorista se conecta com o seu público utilizando temas delicados com tom de ironia e provocação. A mesma piada que pode fazer rir, pode gerar incômodo ou reflexão, sendo de suma importância compreender o que está por trás do humor nas piadas.

De acordo com Andrade (2017, p. 53): “O simples fato de falar sobre algo que, muitas vezes, não é permitido socialmente (e, às vezes, decretado por lei, como é o caso do preconceito racial), faz com que as pessoas se reconheçam em uma determinada situação e se “libertem” no riso.”[...]. Nesse caso, observamos que o *stand-up* acaba ganhando espaço justamente por abordar temas sensíveis que, em outros contextos, seriam evitados. O comediante, ao trazer à tona questões delicadas por meio do riso, faz com que o público reconheça essas situações, muitas vezes marcadas por preconceito, dor ou desconforto, como algo engraçado. Isso pode levar à naturalização desses discursos, reforçando senso comum já presentes no imaginário social.

Para o autor, o *stand-up* é um tipo de enunciado que se caracteriza por sua oralidade marcada, informalidade linguística, uso frequente de palavrões, associação entre linguagem verbal e não verbal, ineditismo textual, diversidade temática e pela fusão de múltiplos gêneros, especialmente o dissertativo (comentário) com o humorístico, a descrição e a narração. Além disso, destaca que o gênero se ancora fortemente em estereótipos sociais, utiliza estratégias como ironia, exagero e cumplicidade com o público, e constrói o riso por meio de scripts de esperteza e absurdo, elementos que evidenciam sua complexidade enquanto gênero oral e socialmente situado. Nesse caso, o humor acontece, muitas vezes, quando o orador diz algo absurdo ou inesperado, mas que ainda faz sentido dentro do que a plateia reconhece como parte da realidade. Por isso, o *stand-up* mistura opinião, relato pessoal e piada, criando um estilo próprio, que parece espontâneo, mas que é construído com base em elementos que muitas pessoas conhecem.

Dito isso, a seguir, passamos para a metodologia da nossa pesquisa, com o intuito de aclarar de que forma construímos essa empreitada investigativa.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos a metodologia da pesquisa, com foco em concretizar objetivo explicativo desse estudo que consiste em analisar como o humor em piadas de *stand-up*, publicadas no YouTube e realizadas pelo humorista Léo Lins, considerando o discurso do ódio e ideologias expressas nesses enunciados. Nesse caso, primeiramente discutimos a classificação da pesquisa; em seguida, detalhamos a composição do *corpus*, bem como explicamos os procedimentos analíticos para identificar como os sentidos estão presentes nos textos. Diante do exposto, passamos a seguir para a etapa de classificação do estudo.

3.1 A pesquisa

Em relação ao *corpus*, nossa pesquisa possui uma abordagem qualitativa, alinhando-se à perspectiva da ADC. Segundo Gil (2008), a pesquisa qualitativa é apropriada para estudos que buscam compreender fenômenos em profundidade, considerando o contexto e os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos. Além disso, com relação à natureza dos nossos dados, essa investigação classifica-se

como documental, uma vez que se baseia na análise de vídeos públicos disponíveis em plataformas digitais, como o Youtube. Marconi e Lakatos (2010) explicam que a pesquisa documental utiliza materiais que não foram produzidos especificamente para fins científicos, mas que podem ser analisados sob uma abordagem teórica para extrair interpretações relevantes.

Com relação aos objetivos, podemos constatar que esse trabalho se classifica como explicativo, pois vislumbramos compreender como os mecanismos linguísticos e ideológicos sustentam e legitimam o discurso de ódio nas piadas de *stand-up*, em especial nos textos performáticos de Léo Lins. Para Gil (2008), a pesquisa explicativa busca identificar os fatores que contribuem para a ocorrência de determinados fenômenos, indo além da descrição para analisar suas causas e efeitos. Nesse sentido, ao investigar como o humor atua na disseminação e naturalização do senso comum e preconceitos, a pesquisa procura revelar de que forma essas práticas discursivas estão inseridas em estruturas sociais mais amplas de dominação, o que reforça seu caráter crítico e interpretativo.

Assim sendo, a seguir, descrevemos o passo a passo para a construção do *corpus*.

3.2 O *corpus*: procedimentos e passos analíticos

O nosso *corpus* é constituído por um conjunto de textos materializados em três vídeos, os quais contém 3 piadas realizadas pelo humorista Léo Lins, disponibilizadas no Youtube. Como critérios de seleção, optamos por vídeos que apresentassem: (i) a propagação de alguma ideologia social, como a exclusão de algum grupo; (ii) a presença de elementos como a ironia, sarcasmo, violência relacionada a indivíduos e as suas respectivas comunidades discursivas. Abaixo organizamos um quadro, indicando o link e o tempo no vídeo onde o discurso de ódio acontece, vejamos:

Quadro 1: *Corpus*

Titulo do vídeo	Tempo no vídeo	Tema abordado	Link
A piada que custou 50 mil.	2:00 a 2:12	Gordofobia.	https://www.youtube.com/watch?v=TKbGzXLkZ-E&t=195s 2021
Léo Lins- Sem	2:21 a 2:35	Capacitismo	https://www.youtube.com/watch?v

nada mais a perder.		(hidrocefalia)	=wHxcyRPbo8k
Léo Lins- Tá liberado piada com traG..dia	2:26 a 3:11	Gordofobia e tragédia.	https://www.youtube.com/watch?v=WAlYJ4QakzI

Fonte: Elaboração própria.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, traçamos os seguintes: (i) assistimos aos vídeos e selecionamos os textos de acordo com os critérios mencionados anteriormente; (ii) recortamos trechos mais pertinentes, os quais apresentassem falas preconceituosas do humorista; (iii) realizamos uma pré-análise desses recortes, com base nos conceitos de ideologia e discurso de ódio, mostrando que elementos linguísticos se enquadram nessa ideologia.

Com relação aos passos analíticos, essa etapa será conduzida com base nos pressupostos da ADC, considerando a linguagem como prática social atravessada por ideologias. Para a análise, realizamos a transcrição dos trechos selecionados e observamos como os enunciados humorísticos produzem sentidos que reforçam estereótipos e sustentam discursos de ódio. Por essa razão, destacamos os elementos linguísticos que atuam na construção desses sentidos, articulando-os ao contexto sociocomunicativo em que ocorrem, bem como às formações ideológicas subjacentes. Dessa forma, pretendemos evidenciar como o humor pode funcionar como um mecanismo de naturalização da exclusão de grupos sociais historicamente marginalizados.

Desse modo, a seguir, passamos para a análise a fim de esclarecer a proposta investigativa que propusemos no início deste trabalho.

4 O DISCURSO DE ÓDIO EM *STAND-UP*

Para a nossa análise de dados iremos selecionar trechos de três vídeos de *stand-up* do humorista Léo Lins (mostrados nas Figuras 1, 2 e 3), buscando entender como o humor pode servir como ferramenta para reforçar preconceitos e discursos de ódio. Para isso, selecionamos falas que tratam de temas delicados, como gordofobia e capacitismo, e transcrevemos os trechos. A análise será feita a partir de elementos linguísticos usados nas piadas, como exageros, ironias e comparações ofensivas, e será guiada pelos conceitos de ideologia e discurso de

ódio. A ideia é mostrar como certos tipos de piada, mesmo com a intenção de fazer rir, acabam reproduzindo visões preconceituosas já presentes na sociedade. As imagens (prints dos vídeos) ajudam a situar o contexto das falas, mostrando em que momento e a forma que o humorista se dirige ao público.

Assim sendo, passamos a primeira análise das piadas produzidas pelo autor, no subitem a seguir.

4.1 'A piada que custou 50 mil'

A imagem a seguir foi retirada por meio de *print*, foto da página do canal da plataforma YouTube, publicada dia 7 de outubro de 2021.

Figura 1: Print do vídeo - A piada que custou 50 mil.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TKbGzXlkZ-E&t=195s> 2021



Piada 1

“que seja exemplo para pessoas gordas, “que a gente não se cale”, como se o gordo ficasse muito de boca fechada, se tivesse de boca fechada não tava gordo, né tá sempre mastigando.”
“É óbvio eu perdi em primeira instância porque, quando você põe na balança da justiça eu e uma gorda, pra que lado vai pender a balança? É óbvio, né? muito fácil. Fui condenado a pagar cinco mil ou um almoço, eu escolhi os cinco mil, é vai que era num restaurante a quilo, eu ainda não ganhei na loteria pra poder pagar tudo isso.”

Na fala proferida pelo humorista Léo Lins, é possível observar o uso do corpo gordo como alvo de piadas, a partir da reprodução de estereótipos amplamente difundidos na sociedade. Ao afirmar que “se tivesse de boca fechada, não tava gordo”, o humorista reforça a ideia de que pessoas gordas comem excessivamente, ignorando fatores como saúde, genética, estilo de vida e condições socioeconômicas. Em seguida, ao dizer “quando você põe na balança da justiça, eu e uma gorda, pra que lado vai pender a balança?”, ironiza o peso da mulher

envolvida, desvalorizando sua figura e a própria justiça. Por fim, ao comentar “eu escolhi pagar cinco mil, vai que era num restaurante a quilo...”, retoma o estereótipo da pessoa gorda como símbolo de exagero, inclusive na alimentação. Esse tipo de humor, mesmo que cause risos, acaba reforçando preconceitos que já estão naturalizados no nosso dia a dia.

Desse modo, é possível identificar, nos enunciados do humorista, duas estratégias de perpetuação ideológica descritas por Thompson (2011): a reificação e a fragmentação. Segundo o pesquisador, a primeira estratégia consiste em apresentar como natural, inevitável ou biológico algo que, na verdade, é resultado de construções sociais e históricas. Isso ocorre na piada quando o corpo gordo é representado como resultado exclusivo de um comportamento alimentar descontrolado, desconsiderando os fatores sociais, econômicos e culturais que envolvem a obesidade, tais como o acesso desigual a um estilo de alimentação saudável, o uso de medicamentos para tratamento de alguma doença que podem ocasionar em mudanças no corpo, entre outros.

Essa naturalização aparece, por exemplo, nas escolhas lexicais ‘estar calado’ e ‘não comer’, reforçando a ideia de que a obesidade é fruto apenas da ingestão excessiva de alimentos, o que evidencia a transformação de uma questão social em um problema individual ou biológico, elemento central da reificação. Nesse sentido, o afirmar que ‘se tivesse de boca fechada não tava gordo, né, tá sempre mastigando’, o humorista reforça o estereótipo da pessoa gorda como preguiçosa, descontrolada e culpada por sua própria condição, apagando as dimensões coletivas e estruturais do fenômeno.

Já fragmentação, segundo Thompson (2011), é uma estratégia ideológica que atua dissociando grupos ou sujeitos do tecido social mais amplo, apresentando-os de forma estigmatizada ou estereotipada. No discurso do humorista, a fragmentação se manifesta por meio de expressões que reduzem o corpo gordo a uma dimensão caricatural, apagando sua complexidade social e subjetiva. Um exemplo disso aparece na fala: “quando você põe na balança da justiça eu e uma gorda, pra que lado vai pender a balança?”. Diante disso, compreendemos que os elementos linguísticos ‘balança da justiça’ e ‘uma gorda’ operam simbolicamente para sugerir um suposto equilíbrio racional e objetivo, além de apontar a mulher em um marcador físico de excesso, peso e desvio.

Ademais, a oposição ‘eu e uma gorda’ instiga uma dicotomia clara entre o que

seria dito como ‘normal’ socialmente (o magro) e o ‘problemático’ no espaço social (o gordo), reforçando uma hierarquia entre corpos. Reconhecemos, pois, que ao associar o desfecho jurídico ao peso físico, o humorista fragmenta o sujeito gordo de seu contexto histórico e social, reduzindo-o a uma característica corporal que o desqualifica.

Na sequência ‘vai que era num restaurante a quilo, eu ainda não ganhei na loteria pra poder pagar tudo isso’, a piada constrói um cenário de exagero, em que o corpo gordo é vinculado a um consumo descontrolado de comida e, por isso, ele teria que ter muito dinheiro para pagar um restaurante para uma pessoa acima do peso. Na nossa perspectiva, essas escolhas reforçam construções já cristalizadas no imaginário social e servem como justificativa implícita para a ridicularização, transformando o sujeito em alvo de chacota. Ao fazer isso, o humorista não apenas fragmenta, mas também contribui para a naturalização da exclusão simbólica, funcionando como um mecanismo de reforço de estigmas sociais por meio do riso. Diante do exposto, passamos a outro caso, no subitem a seguir.

4.2 “Sem nada mais a perder.”

A imagem a seguir foi retirada por meio de *print*, foto da página do canal da plataforma YouTube, publicada dia 9 de agosto de 2024:

Figura 2: *print* do vídeo- Sem nada mais a perder.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wHxcyRPbo8k&t=217s>. Acesso em: 2 jul. 2025.

Piada 2:

“Já pensou se eu viro Uber e o meu primeiro passageiro é uma pessoa com hidrocefalia? ah, pelo menos eu não ia precisar oferecer água.”

Nesse enunciado, podemos observar que o humorista utiliza uma condição médica grave, a hidrocefalia, em sua piada fazendo uma associação irônica com o ato de oferecer água, que é um gesto comum na profissão de motorista de aplicativo. Dessa maneira, o jogo de palavras recorre a referência da informação de que pessoas portadoras dessa doença possuem acúmulo de líquido no cérebro, o que leva a fala ao duplo sentido, sugerindo que o passageiro já teria ‘água demais’. Assim, a construção do humor ocorre pelo choque entre o senso comum e a transgressão ética, uma vez que o enunciado subverte uma condição de sofrimento e vulnerabilidade para provocar o riso, com base na deformação da imagem do sujeito com deficiência.

De acordo Thompson (2011), podemos afirmar que esse enunciado recorre a estratégia ideológica da fragmentação, a qual consiste em apresentar sujeitos ou grupos sociais como inferiores, conforme discutimos anteriormente. No caso em questão, o sujeito com hidrocefalia é reduzido a uma imagem caricata, desprovida de complexidade ou humanidade. A nosso ver, isso fica evidente por meio da escolha lexical ‘pessoa com hidrocefalia’ desvinculada de qualquer contexto social, histórico ou afetivo, sendo transformada em um símbolo de deformidade que pode ser ridicularizado.

Nesse caso, a expressão ‘pelo menos eu não ia precisar oferecer água’ reforça esse efeito ao ironizar a condição clínica do sujeito, transformando uma disfunção neurológica em justificativa para o humor. Ao fazer isso, o enunciador fragmenta o indivíduo com deficiência de sua rede social de pertencimento e rompe com qualquer possibilidade de empatia ou solidariedade. Assim como ocorre no exemplo do subitem anterior, o riso opera como instrumento de exclusão e reforço de estigmas sociais. Em suma, a piada ao apoiar-se em um traço físico associado a uma condição de saúde, acentua a ideia de que corpos que não se encaixam no padrão hegemônico são inferiores socialmente e, por isso, podem ser ridicularizados. Logo, trata-se de uma manifestação clara da ideologia capacitista, sustentada pelo humor como mecanismo de legitimação simbólica da desigualdade.

Ademais, vejamos o exemplo a seguir sobre o negro, a fim de esclarecer ainda mais nossos posicionamentos defendidos até esse momento.

4.3 “Recorte do canal @cortesBr360”

A imagem a seguir foi retirada por meio de *print*, foto da página do canal da plataforma YouTube, publicada dia 26 de julho de 2023.

Figura 3 - *print* do recorte do canal @cortesBr360”



Fonte: <https://www.youtube.com/shorts/oflMbnntKXA>

Piada 3:

“Tão importante refletir essas questões sociais, mas tem gente que exagera, tem gente que fala “o negro não consegue arrumar emprego, o negro não consegue arrumar emprego”, mas na época da escravidão, já nascia empregado e também achava ruim.

Diante do exposto, reconhecemos que o humorista realiza uma comparação entre a escravidão, sistema caracterizado por violência, exploração e privação de direitos, e a noção de ‘emprego’, que é uma relação formal de trabalho remunerado e consentido, previsto pela Constituição Federal, no artigo 7º. Nesse caso, ao retomar a época da escravidão sugerido que o negro já nascia ‘empregado’, o orador banaliza e distorce a gravidade histórica do regime escravista, apagando seu caráter desumano. Por meio dessa equivalência, o discurso minimiza as consequências do passado e tenta naturalizar uma injustiça histórica como se fosse um benefício.

Segundo Thompson (2011), entendemos que essa fala exemplifica a estratégia ideológica da reificação, que consiste em transformar relações sociais complexas e historicamente construídas em fatos naturais. Desse modo, a escravidão, uma forma de tratamento violenta, é apresentada como uma forma inevitável e até positiva de inserção no mercado de trabalho, ocultando a opressão e a violência que marcaram esse período.

Além disso, o humorista recorre também a estratégia da dissimulação ao utilizar a comparação entre escravidão e emprego para suavizar o impacto das desigualdades sociais contemporâneas enfrentadas pela população negra. As escolhas linguísticas de ‘o negro não consegue arrumar emprego’ em tom irônico, seguida da contraposição simplista ao passado, funciona como um mecanismo para ridicularizar as denúncias de racismo estrutural. A nosso ver, esse enunciado reforça a ideia de que negros estariam se vitimizando de forma exagerada, invalidando as experiências reais de discriminação e exclusão no mercado de trabalho.

No que tange à escolha lexical, observamos ainda que verbo ‘exagerar’ desqualifica a fala das vítimas do racismo, enquanto a construção ‘já nascia empregado’ naturaliza a escravidão e a apresenta como algo dado, incontestável, apagando o sofrimento e a luta por direitos. Acreditamos, pois, que discursos como esse contribuem para o fortalecimento de uma ideologia dominante, que justifica e mantém as desigualdades históricas.

Dessa forma, reconhecemos que a fala do orador, não apresenta apenas um objetivo de produzir o riso, mas atua como um mecanismo simbólico de legitimação do racismo, reforçando práticas de exclusão e marginalização social da população negra. Como nas piadas analisadas nos itens anteriores, a naturalização e a fragmentação promovidas pelo humorista funcionam como estratégias ideológicas que sustentam preconceitos e desumanizam grupos minoritários.

Ademais, a análise dos recortes selecionados revela que o discurso de ódio nos conteúdos humorísticos de Léo Lins é recorrente e se utiliza de estratégias linguísticas e discursivas, como ironia, exagero e comparação ofensiva, para reproduzir estigmas e reforçar desigualdades sociais. Nesse contexto, o uso das categorias teóricas de Thompson (2011), sobretudo a reificação e a fragmentação, permite compreender como esses discursos perpetuam ideologias excludentes, disfarçadas sob o véu do humor.

Em síntese, acreditamos que as análises expostas evidenciam que o humor empregado nas piadas de Léo Lins ultrapassa os limites do entretenimento e atua como instrumento de reprodução de discursos de ódio, por meio da naturalização de questões já cristalizadas pelo senso comum, ocasionado na desumanização de sujeitos pertencentes a grupos historicamente marginalizados. Ao recorrer a estratégias ideológicas como a reificação, a fragmentação e a dissimulação, conforme propõe Thompson (2011), o humorista sustenta práticas simbólicas que

contribuem para a legitimação de desigualdades sociais, disfarçando preconceitos sob a aparência do riso. Assim, percebemos que o discurso humorístico, ao utilizar-se de condições físicas, raciais ou cognitivas como alvos de piadas, não apenas reproduz visões discriminatórias já enraizadas na sociedade, mas também fortalece mecanismos de exclusão social e apagamento da complexidade dos sujeitos retratados. Com isso, reforçamos a importância de se problematizar o humor como uma prática discursiva que, mesmo disfarçada de leveza e irreverência, uma vez que essa carrega implicações profundas na manutenção de ideologias opressoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo objetivamos analisar como o discurso de ódio se manifesta nas piadas do humorista Léo Lins, com foco em suas apresentações de *stand-up* amplamente divulgadas nas plataformas digitais, considerando as ideologias presentes nos enunciados. Para isso, recorremos aos pressupostos da Análise do Discurso Crítica (ADC), com destaque para a noção de ideologia em Thompson (2011), que nos permitiu compreender como certas práticas discursivas contribuem para a reprodução de construções cristalizadas que tendem a depreciar certos grupos, usando como pano de fundo o gênero humorístico.

A análise de trechos de três apresentações do humorista evidenciou que o discurso de ódio se constitui a partir da articulação entre linguagem e ideologia. Observamos que, apesar de vislumbrar a construção do humor, as piadas analisadas mobilizam estratégias discursivas que têm como efeito a desumanização de sujeitos pertencentes a grupos historicamente marginalizados, como pessoas gordas, negras e com deficiência. Nesse sentido, identificamos que o riso funciona como um recurso de naturalização simbólica, que esconde e suaviza violências discursivas por trás de supostas brincadeiras.

⁴Dentre as estratégias ideológicas propostas por Thompson (2011), destacam-se com mais recorrência a reificação, a qual transforma desigualdades sociais em características naturais ou biológicas, um exemplo disso está na fala em

⁴ Segundo Torres (2013), a liberdade de expressão é um direito fundamental que assegura aos cidadãos a possibilidade de manifestar suas ideias políticas e ideológicas, sendo essencial para a democracia.

que o humorista associa o corpo gordo ao excesso de alimentação, afirmando que 'se tivesse de boca fechada não tava gordo, né, tá sempre mastigando'. Nesse enunciado, constatamos a tentativa de naturalizar a obesidade como resultado exclusivo de uma suposta falta de controle individual, apagando fatores sociais, econômicos, genéticos e estruturais que também influenciam no corpo do sujeito. Entendemos, que, ao fazer isso, o orador desloca uma questão coletiva para o campo do comportamento pessoal, culpando unicamente a forma de agir do sujeito, o que contribui para a manutenção de preconceitos já enraizados no imaginário social.

Além disso, o humorista recorre à estratégia ideológica da dissimulação, ao buscar suavizar, ocultar ou invalidar desigualdades estruturais por meio de discursos travestidos de humor. Para isso, utiliza a ideia de que o indivíduo negro 'já nascia empregado' na época da escravidão, promovendo uma comparação distorcida entre um sistema marcado por violência e desumanização e a noção contemporânea de emprego. A nosso ver, tal associação minimiza a gravidade do regime escravocrata e sugere que as críticas atuais à falta de oportunidades para pessoas negras seriam exageradas.

Do ponto de vista linguístico, podemos afirmar que as piadas se sustentam em elementos como comparações ofensivas, hipérboles, jogos de palavras, escolhas lexicais pejorativas e marcas de ironia, os quais aumentam o impacto do conteúdo discriminatório. Tais elementos constroem sentidos que reforçam estigmas sociais e contribuem para a legitimação simbólica da exclusão.

Dessa forma, respondemos ao objetivo da pesquisa ao demonstrar que o discurso de ódio no *stand-up* de Léo Lins não está apenas no conteúdo das piadas, mas na forma como essas são estruturadas linguisticamente e legitimadas socialmente. Concluímos que o humor, embora seja uma prática cultural relevante e amplamente valorizada, pode se tornar um canal potente de reprodução de ideologias opressoras, sobretudo quando naturaliza estereótipos e nega a complexidade dos sujeitos que representa.

Em síntese, acreditamos que este estudo reforça a necessidade de se pensar o humor como uma prática discursiva com efeitos reais, e não como um espaço neutro de entretenimento. Reafirmamos, assim, a importância de desenvolver uma leitura crítica dos discursos que circulam em ambientes digitais e midiáticos, especialmente aqueles com grande alcance. Como proposta para estudos futuros,

sugerimos a ampliação do *corpus* com outros humoristas ou mesmo uma análise multimodal desses textos, a fim de mapear como o discurso de ódio se articula no campo do humor e como ele dialoga com diferentes grupos sociais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Valdete Aparecida Borges. **Stand up**: caracterização de um gênero oral sob a perspectiva da análise de discurso crítica (ADC). 2017. 305 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2017.147>. Acesso em: 24 jul. 2025.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gonçalves Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018

CAVALCANTI, Cláudio Márcio Ferreira. **Discurso de ódio e liberdade de expressão**: tensões e desafios no ambiente digital. 2021. 176 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução, revisão técnica e prefácio de Irandé Antunes Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

G1. Léo Lins é condenado a oito anos de prisão por publicar conteúdo preconceituoso e discriminatório contra minorias. G1, São Paulo, 3 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/06/03/leo-lins-e-condenado-a-oito-anos-de-prisao-por-publicar-conteudo-preconceituoso-e-discriminatorio-contra-minorias.ghtm>. Acesso em: 21 jul. 2025.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LINS, Léo Pacheco. A piada que custou 50 mil. YouTube, 7 out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TKbGzXLkZ-E&t=195s>. Acesso em: 26 mai. 2025.

LINS, Léo Pacheco. Léo Lins, piada de negro. YouTube, 26 jul. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/oflMbnnkXA>. Acesso em: 20 mai. 2025.

LINS, Léo Pacheco. Sem nada mais a perder. YouTube, 9 ago. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wHxcyRPbo8k>. Acesso em: 02 jul. 2025.

REVELLI, José Roberto Silva. **Tópicos especiais em educação e linguagem**. v. 8, n. 1, 2016.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROTHENBURG, Walter Claudius; STROPPIA, Tatiana. Liberdade de expressão e discurso do ódio: o conflito discursivo nas redes sociais. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, Santa Maria, v. 10, n. 2, p. 450–468, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1981369419463>. Acesso em: 24 jul. 2025.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

TÔRRES, Fernanda Carolina. O direito fundamental à liberdade de expressão e sua extensão. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 50, n. 200, p. 61-80, 2013.